



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

23 | 2018

Ponto Urbe 23

O presente e o passado no Museu histórico Abílio Barreto (Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil)

Present and past at the Abílio Barreto Historical Museum (Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil)

Leonardo Gonçalves Ferreira



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/4989>

DOI: 10.4000/pontourbe.4989

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Leonardo Gonçalves Ferreira, « O presente e o passado no Museu histórico Abílio Barreto (Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil) », *Ponto Urbe* [Online], 23 | 2018, posto online no dia 28 dezembro 2018, consultado o 25 junho 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/4989> ; DOI : 10.4000/pontourbe.4989

Este documento foi criado de forma automática no dia 25 Junho 2019.

© NAU

O presente e o passado no Museu histórico Abílio Barreto (Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil)

Present and past at the Abílio Barreto Historical Museum (Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil)

Leonardo Gonçalves Ferreira

Introdução

- 1 Observa-se nas últimas décadas não apenas uma vigorosa proliferação dos museus pelo mundo, mas também um profundo processo de remodelação de suas configurações e pressupostos. Fato é que o museu mudou, buscando um novo papel social frente aos atuais contornos da globalização. Em linhas gerais, pode-se dizer que o museu nasceu, e se constituiu, como uma das instituições que mais refletiam as características do mundo ocidental moderno. Academicista, cientificista, enciclopedista e historicista, o museu configurava-se como o guardião da história oficial da nação e dos “vencedores”, evitando discursos que privilegiassem a pluralidade e a diversidade de determinado contexto social. Não obstante, o museu tentou, nas últimas décadas, ampliar seu escopo de abrangência, repensar seu lugar na sociedade e remodelar sua estrutura para alcançar estes objetivos.
- 2 É possível observar que os museus buscaram alargar seus processos de patrimonialização, o que implicou na inclusão de narrativas outras passíveis de constituir múltiplas composições identitárias. Determinados grupos sociais, e suas memórias, até então excluídos dos processos de legitimação patrimonial, passaram a ocupar espaço nestas instituições. Surgem, então, ao invés de apenas um discurso oficial, narrativas paralelas que tentam contemplar, de maneira mais democrática, segmentos sociais que inicialmente não ocupariam lugar em um espaço museal.

- 3 O atual contexto global tem certa responsabilidade pela transformação dos museus na contemporaneidade. Com a globalização, as cidades tornam-se importantes competidores pelos mercados consumidores transnacionais. Assim, transformar patrimônio histórico, arquitetônico e cultural em atração museal, por exemplo, constituem facetas do novo jogo global disputado pelas grandes cidades do mundo. Ao mesmo tempo, compreender o público enquanto copartícipe impõe aos museus uma transformação estrutural em que mais importante do que narrar uma história oficial, é proporcionar, aos visitantes, canais de participação e experiências sensoriais, por meio das novas tecnologias interativas, por exemplo. A amplificação de temas tratados, a abrangência de diversas ações, o diálogo com diferentes segmentos sociais e com as diversas identidades e manifestações culturais, compõem a tendência dominante das novas características dos museus contemporâneos.
- 4 O presente trabalho contempla um desdobramento da minha tese de doutorado intitulada “Museus de cidade: uma análise comparada entre as configurações museais contemporâneas do museu de Belo Horizonte (Museu histórico Abílio Barreto) e do Museu de Amsterdã (Amsterdam Museum)”¹. Contudo, a presente investigação busca ser um avanço, ainda que a partir da tese, a fim de se configurar em algo novo ao tentar compreender as transformações pelas quais os museus estão passando na contemporaneidade.
- 5 O objetivo é analisar a possível relação entre o regime presentista (HARTOG, 2013), corrente na exposição “O museu e a cidade sem fim”, do Museu histórico Abílio Barreto (MhAB), e a demanda dos seus visitantes por elementos históricos. Em outras palavras, o objetivo é analisar, por meio do conceito de presentismo, se e como o deslocamento da representação do tempo, orientado para o presente, vigente na exposição mencionada, se relaciona com a demanda de história por parte de seus visitantes.
- 6 O atual interesse, em escala mundial, pela memória, patrimônios e também pelos museus, seria um sintoma de transformações produzidas a partir da articulação de agentes e segmentos desprestigiados reivindicando espaço na representação patrimonial. Inúmeros estudos têm refletido sobre esses processos e suas repercussões nos discursos do patrimônio no mundo contemporâneo.
- 7 Tais estudos afirmam que essas transformações consistem em um deslocamento de representação do tempo. Se antes essa representação se caracterizava pela valorização do “futuro”, como ocorria com os intelectuais modernistas brasileiros, hoje se verifica sua substituição por um regime de representação no qual o “presente” é profundamente valorizado em detrimento do futuro. Nesse regime “presentista”, o passado seria incessantemente reproduzido, enquanto objeto de fruição, no presente, como postula Hartog (2013):

Nessa progressiva invasão do horizonte por um presente cada vez mais inchado, hipertrofiado, é bem claro que o papel motriz foi desempenhado pelo desenvolvimento rápido e pelas exigências cada vez maiores de uma sociedade de consumo, na qual as inovações tecnológicas e a busca de benefícios cada vez mais rápidos tornam obsoletos as coisas e os homens, cada vez mais depressa (HARTOG 2013:147-148).
- 8 A exposição analisada, “O museu e a cidade sem fim” do MhAB, apresenta esse deslocamento da representação do tempo. Apesar disso, apareceu na pesquisa desenvolvida, o desejo nostálgico, por parte do público do MhAB, por história e por objetos históricos nas exposições. Em outros termos, os visitantes do MhAB, que participaram da pesquisa, percebem o museu enquanto lugar da história.

- 9 Portanto, os desafios e as indagações que se interpõem no horizonte dos museus reclamam um esforço de conhecimento sobre essas instituições. É importante compreender o significado e o papel que os museus vêm desempenhando na sociedade contemporânea. Os museus contemporâneos são instituições que geram cada vez mais interesse, enquanto objetos de investigação, para as Ciências Sociais. Em vista disso, é na perspectiva de explorar, dentro deste campo ainda pouco incursionado por investigações, as configurações museais da contemporaneidade, especificamente aquelas que se relacionam com o regime presentista, que se insere a proposta deste trabalho.
- 10 O presente artigo está estruturado da seguinte maneira: inicialmente apresento um breve percurso histórico de formação, desenvolvimento e transformação do MhAB ao longo do tempo. Logo após, apresento a exposição analisada “O museu e a cidade sem fim” e como o regime presentista pode nela ser identificado. Posteriormente, apresento os dados oficiais referentes aos visitantes do MhAB, tanto com relação aos dados estatísticos de visita quanto aos dados de perfil do público. Estes dados são importantes uma vez que subsidiarão as informações produzidas por meio da pesquisa qualitativa junto aos visitantes. Faz-se necessário conhecer o perfil de visitante para que se possa identificar mais claramente as suas demandas. Na pesquisa ficou patente a busca dos visitantes por elementos históricos no museu. Nesse momento foi possível estabelecer possíveis inferências sobre a contraposição entre a exposição e o público do museu.
- 11 Por fim, faz-se necessário informar que os dados apresentados foram produzidos para minha pesquisa de doutorado. Foi realizada uma entrevista com um membro da equipe técnica do museu, foram aplicados cinquenta questionários juntos aos seus visitantes, foi realizada observação de campo para detectar a relação que os visitantes estabeleciam com a exposição e pesquisa documental referente às exposições do museu e ao seu público.

O museu da cidade de Belo Horizonte

- 12 Seguindo uma tendência mundial, é possível observar em Belo Horizonte o aumento significativo de museus e instituições afins, como centros de memória e arquivos públicos, nos últimos anos. Atualmente, a cidade conta com aproximadamente quatro dezenas deles, sendo que alguns têm tido um reconhecimento que extrapola as fronteiras regionais, e até mesmo nacionais, como é o caso do Inhotim² e do Circuito Liberdade³.
- 13 O Museu histórico Abílio Barreto (MhAB) é o mais antigo de Belo Horizonte. Inicialmente chamado de Museu Histórico da Cidade, este museu surgiu por meio do esforço inicial do colecionador Abílio Barreto⁴. Desde sua fundação, em 1943, está instalado na centenária Fazenda Velha do Leitão. Construído em 1883, o Casarão é um dos poucos espaços que restaram do antigo Arraial do Curral del Rei⁵. No entanto, as origens do museu remontam a 1935 quando o então jornalista e escritor, Abílio Barreto, foi chamado para cuidar da organização do Arquivo Geral da Prefeitura da cidade.
- 14 Assim, documentos e objetos começaram a ser recolhidos, de forma mais sistemática e em diversos suportes, para formar o acervo do futuro museu de história da cidade. As peças eram separadas em duas seções: relativas ao antigo Arraial do Curral del Rei e outras referentes à Nova Capital. Em 1941, o Casarão foi restaurado para se tornar a sede do

museu. Somente em 1967, a instituição recebeu a denominação atual como forma de homenagear o seu idealizador e primeiro diretor.



IMAGEM 1: CASARÃO SEDE DO MHAB.

FONTE: MATERIAL INSTITUCIONAL DO MHAB, 2015.

- 15 De acordo com Figueiredo (2007), a criação do MhAB coincidiu com os estudos de sistematização das coleções no Brasil e com a fundação, no plano federal, do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que mais tarde passou a se chamar Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)⁶. A partir de 1993, o MhAB iniciou um amplo processo de reestruturação institucional. Esse processo visou reformular a sua política de atuação e transformou o museu em uma “(...) instituição cultural dedicada à história e memória de Belo Horizonte, direcionando suas ações para a pesquisa, informação, educação e lazer” (MHAB, s/d).
- 16 Uma sede contemporânea, anexa à antiga construção, foi inaugurada em 1998. O Edifício-sede possui salas de exposições, auditório, biblioteca e um restaurante-café. Seus jardins são utilizados para eventos nos fins de semana (FIGUEIREDO, 2007). A construção da nova sede foi fundamental para a reconfiguração da prática museológica do MhAB. Esse redimensionamento dos espaços foi uma tentativa de transformar o museu não apenas

em um centro de convergência, mas também de irradiação cultural em Belo Horizonte (MHAB, s/d).



IMAGEM 2: EDIFÍCIO-SEDE DO MHAB.

FONTE: MATERIAL INSTITUCIONAL DO MHAB, 2015.

- 17 O MhAB explorou em suas exposições, nos últimos anos, uma grande variedade de temas contemporâneos, ainda que todas mantenham como pano de fundo a cidade de Belo Horizonte. A partir do seu “Projeto de Revitalização”, o MhAB passou a compreender a cidade em si, e não apenas a sua história, como alvo de ação curatorial. Com isso, o MhAB, assumindo-se como um museu de cidade, ampliou sua ação expositiva tanto no que diz respeito aos temas, quanto no que se refere aos espaços.

A reestruturação institucional dos últimos anos possibilitou uma compreensão mais abrangente, democrática e plural da cidade, em sua diversidade e complexidade. Temas variados têm sido trabalhados nas exposições de modo a refletir preocupações que norteiam a reflexão sobre a história e a memória, o passado e o presente, a dinâmica atual e o futuro de nossa cidade (PIMENTEL 2008:139).

- 18 Nesses termos, a história se torna útil para a compreensão do passado e para explicar como chegamos à atual configuração das cidades de hoje. Para a Tisdale (2013), essa mudança versa não apenas sobre como combinar o passado ao presente ou futuro, mas também sobre a adoção de uma abordagem mais interdisciplinar, em que a história se relaciona com a arte ou com a ciência, por exemplo. Por esse motivo, muitos museus de cidade ao redor do mundo estão retirando a palavra “histórico” ou “história” de seus nomes. Tisdale (2013) mostra a recorrência dessa ação supondo assim a possibilidade de percepção da história não como um retrato estático do passado, mas como um processo contínuo e em fluxo. “Mais de um autor relata a queda da história ou histórico do nome do museu de cidade” (TISDALE 2013:06)⁷. A disputa pelo significado histórico, nesse aspecto, não é sua renúncia, mas a concepção de que a história é um processo em contínuo fazer-se, e o museu não pode estar alheio a esse movimento. A cidade contemporânea deve ser o foco, e o ponto de partida, de tudo o que um museu de cidade faz.

- 19 Com o destronamento da história tradicional, estática e que não dialoga com o presente, é possível observar uma abertura geral da gama de temas apropriados para um museu de cidade explorar. Isso significa que temas como cultura da juventude urbana, fotografia contemporânea, sexualidade ou sistema de coleta de lixo, dentre incontáveis outros temas, estão sendo abordados nas galerias dos museus de cidade (TISDALE, 2013).
- 20 De acordo com Bittencourt, durante o seu processo de reconfiguração, “o MHBH/MHAB começa, lentamente, a deixar de ser um museu histórico e buscar o caminho de ‘museu de cidade’. Começa a tornar-se MhAB” (BITTENCOURT 2004:54, grifo do autor). A partir de seu processo de mudança, indicado no “h” minúsculo de seu nome, o MhAB deixa de focar unicamente “na história” supostamente estática e distante, para então focalizar uma realidade multifacetada cujo sentido pode ser encontrado também em sua historicidade. A nova concepção de história impressa no MhAB diz respeito à diversidade e à multiplicidade das memórias coletivas e ao desenvolvimento de uma consciência crítica sobre não apenas o passado, mas também sobre o presente de Belo Horizonte (BITTENCOURT, 2004).
- 21 Apesar disso, de acordo com o responsável pelo setor de pesquisa do MhAB, em entrevista realizada no dia 07 de abril de 2015, uma demanda por parte do público do museu, que é recorrente, diz respeito a certa nostalgia pelas exposições antigas, principalmente as que faziam uso de objetos e mobiliários antigos. Muitas vezes, o visitante que foi ao MhAB há trinta anos e via móveis antigos, associava-os à própria instituição, como se esse mobiliário necessariamente tivesse pertencido no passado ao Casarão.
- Porque a pessoa chegava há um bom tempo atrás e via o mobiliário de fazenda, dentro de uma casa de fazenda. Qual era a dedução? “Esse mobiliário era dessa casa”. Então, muitas vezes a gente tem esse trabalho. Às vezes tem uma certa revolta de certas pessoas, casos isolados, mas... “cadê aquele móvel, assim, assado que eu vi quando criança?”. Então, tem isso assim, mas nós não norteamos as nossas exposições, para agradar a essas expectativas. (Responsável pelo setor de pesquisa do MhAB. Entrevista realizada em 07 de abril de 2015).
- 22 Contudo, essa demanda não parte apenas daqueles que guardam na memória as exposições do museu que apresentavam, em especial, objetos históricos. Como fica evidente na fala do mesmo entrevistado quando este se reporta às demandas atuais dos visitantes que chegam ao museu: “Na grande maioria das vezes, é voltado para aquele velho tipo de museu que as pessoas esperam encontrar, que as pessoas veem e querem encontrar uma casa de fazenda”. (Responsável pelo setor de pesquisa do MhAB. Entrevista realizada em 07 de abril de 2015).

A exposição: “O museu e a cidade sem fim”

- 23 “O museu e a cidade sem fim”, exposição que celebra os setenta anos do MhAB, promove uma reflexão sobre Belo Horizonte a partir do que se passou nos espaços públicos da cidade durante esse tempo. De acordo com o texto introdutório da exposição, é no espaço público que se tem a experiência da diversidade, da imprevisibilidade e das manifestações identitárias. A dimensão democrática, cívica e libertária do espaço público é contraposta, no entanto, às suas tensões, disputas e relações hierárquicas de poder. Nesse contexto, o desafio da exposição foi explicitar os conflitos e a diversidade – social, espacial e cultural – da cidade, desde a década de 1940 aos dias atuais, através de seis temas: natureza, trabalho, sociabilidade, religião, arte e política. A exposição entrou em cartaz no Casarão

em novembro de 2013 e sua desmontagem está prevista para agosto de 2018. Mantida essa previsão, a exposição terá a duração de quatro anos e nove meses (longa duração)⁸.

- 24 A exposição “O museu e a cidade sem fim” apresenta, portanto, os espaços públicos de Belo Horizonte através de uma narrativa não linear e não cronológica. Assim, ao longo da exposição, o visitante se defronta com uma narrativa sinuosa e fragmentada, espaço-temporalmente, que deixa em aberto e dá liberdade às distintas leituras interpretativas. São os temas da exposição que, de alguma forma, ordenam as diversas narrativas apresentadas.
- 25 A exposição começa exibindo as áreas verdes e a natureza enquanto importantes espaços públicos da cidade. Logo após, discute o trabalho que é realizado no espaço público e sua transformação ao longo do tempo. Nesse sentido, são contemplados os vendedores ambulantes e as feiras de artesanato. Diversos outros profissionais e trabalhadores, de algumas profissões quase extintas, que laboram nos espaços públicos da cidade são igualmente representados nessa parte da exposição. Está entre as profissões mais tradicionais, o espaço dedicado aos profissionais do sexo.



IMAGEM 3: EXPOSIÇÃO “O MUSEU E A CIDADE SEM FIM” (2013-2018).

FONTE: FOTO DO AUTOR (MHAB, 2016).

- 26 O próximo tema da exposição – sociabilidade – explora as transformações e as retomadas das festas e do lazer urbano nos espaços públicos de Belo Horizonte. São representados regiões, praças e parques emblemáticos da cidade, eventos de rua, jogos, danças e tipos populares. Uma sala específica é dedicada, por meio de um percurso histórico, ao carnaval da cidade que depois de quase duas décadas sem expressividade, voltou a ocupar os

espaços públicos de Belo Horizonte. A religião, por sua vez, é apresentada através das diversas manifestações religiosas nas ruas da cidade.



IMAGEM 4: EXPOSIÇÃO “O MUSEU E A CIDADE SEM FIM” (2013-2018).

FONTE: FOTO DO AUTOR (MHAB, 2016).

- 27 A arte dos espaços públicos começa a ser apresentada, na exposição, através dos monumentos oficiais da cidade, mas também são exploradas expressões artísticas contemporâneas como o Duelo de Mc's⁹ e os grafites. Ainda são mencionados festivais de jazz (*Savassi Festival*) e de teatro (*Festival Internacional de Teatro de Belo Horizonte*), movimento *Heavy Metal* e famosos grupos de teatro de rua (*Grupo Galpão*) e de música

popular da cidade (Clube da Esquina), desde que suas manifestações estivessem relacionadas ao espaço público.



IMAGEM 5: EXPOSIÇÃO “O MUSEU E A CIDADE SEM FIM” (2013-2018).

FONTE: FOTO DO AUTOR (MHAB, 2016).

- 28 Por fim, o último tema, que diz respeito à política, se faz presente na exposição por meio das lutas, manifestações e protestos (políticos, culturais e identitários) que ocuparam as ruas de Belo Horizonte ao longo dos últimos setenta anos: Praia da Estação (anos 2010), Dia Internacional da Mulher (1970), Marcha das Vadias (2012) e Manifestações de Junho (2013). A última sala apresenta os lugares emblemáticos de Belo Horizonte localizados na área central da cidade.



IMAGEM 6: EXPOSIÇÃO “O MUSEU E A CIDADE SEM FIM” (2013-2018).

FONTE: FOTO DO AUTOR (MHAB, 2016).

- 29 Como se pode constatar, a despeito da exposição tentar contemplar as últimas sete décadas, há um enfoque bem demarcado nos eventos contemporâneos. E talvez exatamente por esse motivo, a exposição se abstenha do uso exclusivo de objetos históricos para construir a narrativa, optando por privilegiar recursos expográficos de multimídia e audiovisuais. A exposição apresenta, em diferentes ambientes, vídeo sonorizado e som ambiente.
- 30 A proximidade com os visitantes, durante a pesquisa de campo, permitiu que eu ouvisse alguns comentários que considero importantes. Alguns visitantes adultos lembravam das visitas feitas ao museu quando crianças e das exposições que reproduziam um ambiente doméstico. Outros questionavam a ausência dos móveis antigos e de exposições mais tradicionais. “Quando eu vim aqui, quando eu era criança, tinha móveis velhos”. “Acabaram com o museu! Onde estão os móveis antigos que ficavam no Casarão?”.
- 31 Como se pode observar, a exposição “O museu e a cidade sem fim” está em consonância com os pressupostos do regime presentista, em que há uma sobrevalorização do presente em detrimento do passado. E isso pode ser observado tanto no discurso narrativo da exposição quanto na sua expografia, na maneira como a exposição foi montada. No próximo item, analisaremos, em um primeiro momento, os dados oficiais referentes às estatísticas e ao perfil do público do museu. Esses dados são importantes para que possamos definir o público do museu e, conseqüentemente, seus interesses e demandas. Posteriormente, serão apresentados os dados produzidos por meio dos questionários aplicados junto aos visitantes do museu. São exatamente nesses dados que encontraremos, em contraposição à exposição, a busca por elementos históricos nela ausentes.

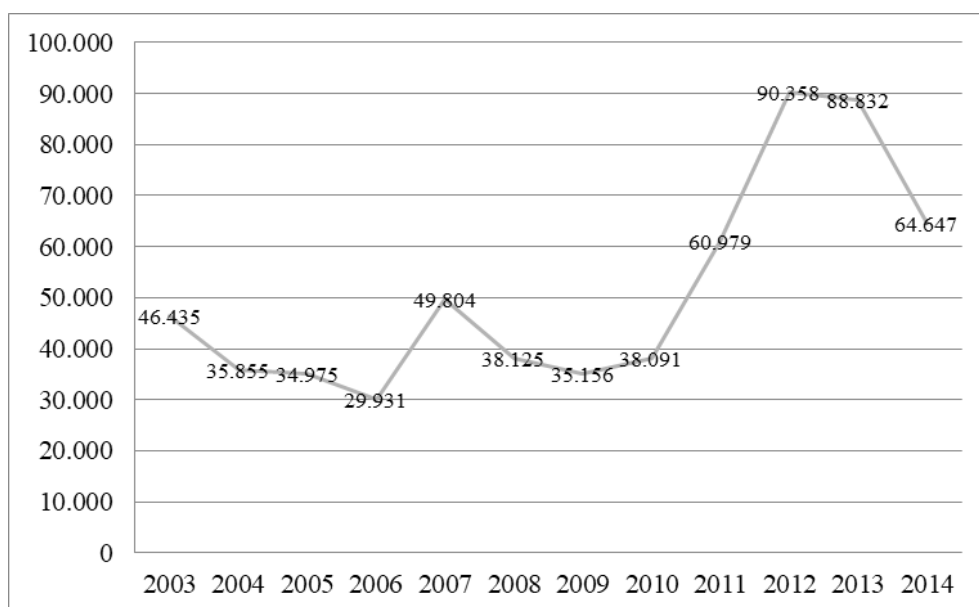
Os visitantes do MhAB

- 32 Em função de restrições orçamentárias, atualmente o MhAB apresenta uma equipe de trabalho reduzida. No extinto Setor de Comunicação havia um núcleo responsável pelas pesquisas estatísticas referentes ao perfil dos visitantes e que não existe mais. Esse trabalho estatístico foi realizado entre fevereiro de 2003 e abril de 2009. Hoje em dia, a pesquisa estatística do museu apenas computa a quantidade de visitantes. Dessa maneira, primeiramente será apresentado o total anual de visitas no MhAB, entre 2003 e 2014.
- 33 As estatísticas do MhAB são realizadas, separadamente, por exposição. Portanto, será possível apresentar a média mensal de visitação das dez últimas exposições montadas no MhAB. Com relação à pesquisa de perfil dos visitantes, optou-se por apresentar os resultados da última exposição contemplada: “Ver e lembrar: monumentos em Belo Horizonte” (2006-2007).

Quadro 1. Total anual de visitas no MhAB (2003-2014)

2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
46.435	35.855	34.975	29.931	49.804	38.125	35.156	38.091	60.979	90.358	88.832	64.647

FONTE: ARQUIVO DO MHAB

Gráfico 1. Visitantes do MhAB (2003-2014)

FONTE: O AUTOR, 2017.

- 34 A média anual 2003-2014 no MhAB foi de 51.099 visitantes. Há um salto significativo no último quadriênio (2011-2014), mesmo período em que a visitação se apresenta acima da média. O ano mais visitado é o de 2012 (90.358) e o menos visitado é o de 2006 (29.931). Contudo, algumas nuances em relação à visitação no MhAB são descortinadas quando observamos a média mensal de visitantes por exposição.

Quadro 2. Total e média mensal de visitantes no MhAB por exposição (visitação espontânea¹⁰)

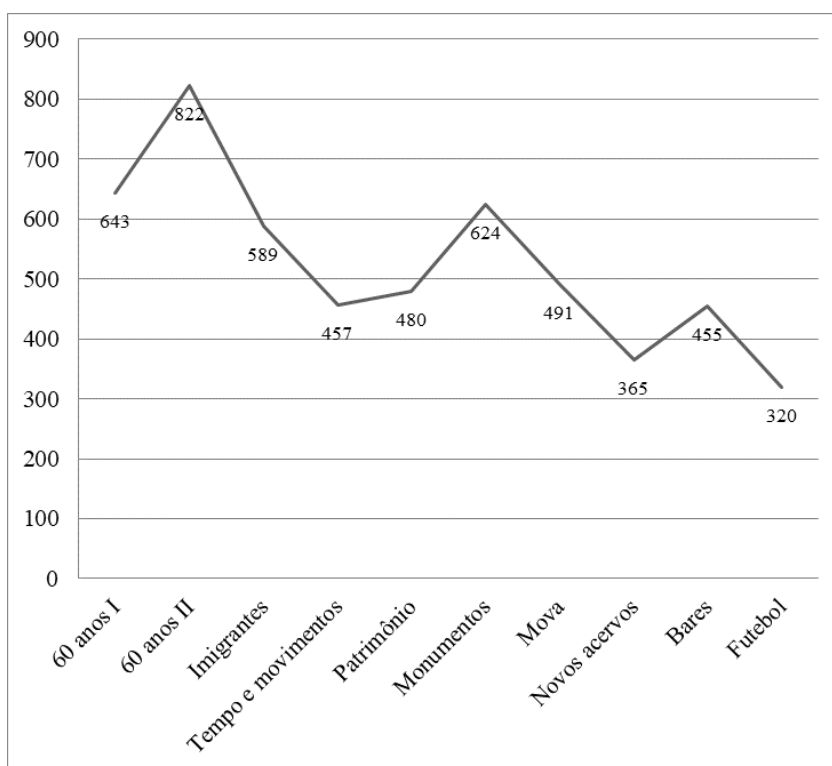
Exposição	Descrição	Duração	Total	Média mensal
MHAB: 60 anos de história - Módulo I (2003-2004)	Em exibição no Casarão, a exposição explorava a antiga sede da Fazenda do Leitão enquanto patrimônio, ao contemplar a própria história de ocupação da casa e seus diferentes usos antes da instalação do museu em 1943.	1 ano e 10 meses	14.134	643
MHAB: 60 anos de história - Módulo II (2003-2004)	A exposição apresentada na Sala Usiminas traçava a trajetória do museu ao ressaltar a sua fundação, a constituição de seu acervo, as diferentes formas de tratamento e conservação, a implementação de seu programa de revitalização institucional e as exposições montadas pela instituição ao longo de sua história.	9 meses	7.392	822

De outras terras, de outro mar... Experiências de imigrantes estrangeiros em Belo Horizonte (2004-2005)	A exposição investigava a identidade de Belo Horizonte e seus efeitos sobre os moradores estrangeiros através do resgate de suas experiências na cidade: desde a sua fundação até hoje.	1 ano e 2 meses	8.238	589
Belo Horizonte: tempo e movimentos da cidade capital (2005-2009)	A exposição buscava trazer novos sentidos e interpretações sobre a história de Belo Horizonte, utilizando o Casarão e seu entorno imediato como elementos que estruturam e integram uma possível narrativa sobre a cidade.	4 anos e 6 meses	24.664	457
Como se fosse sólido... Pensando o patrimônio cultural em Belo Horizonte (2005-2006)	A exposição propunha uma reflexão sobre a história das políticas patrimoniais em Belo Horizonte ao explorar práticas de preservação, disputas e mudanças na concepção de patrimônio. Apresentava também a participação de diferentes segmentos sociais nesse processo e suas diversas formas de apropriação desse patrimônio.	11 meses	5.274	480
Ver e lembrar: monumentos em Belo Horizonte (2006-2007)	A exposição lançava um olhar sobre alguns monumentos de Belo Horizonte (e sobre a cidade enquanto monumento), que mesmo presentes cotidianamente na vida dos moradores, nem sempre são percebidos como patrimônio. Buscava mostrar como a história e a memória podem estar presentes em lugares inusitados da cidade.	10 meses	6.233	624
Mova arquitetura: cidades e mobilidades (2007-2008)	Realizada em parceria com o Institut pour La Ville in Mouvement, organização civil da França, e o Consulado Geral da França no Rio de Janeiro, a exposição foi inaugurada durante o 2º Encontro de Cooperação Descentralizada e Federativa Franco Brasileira que aconteceu em Belo Horizonte. A exposição apresentava projetos de soluções arquitetônicas para os problemas urbanos de grandes cidades europeias.	2 meses	982	491
Novos acervos MHAB: 2003-2008 (2008-2010)	A ideia da exposição era apresentar ao público os novos objetos incorporados às coleções do MhAB. Esses objetos refletem uma nova política de aquisição que toma a cidade, e não mais apenas a sua história, como principal tema do museu.	2 anos e 8 meses	11.677	365

Em volta dessas mesas uma cidade: bares como lugares na memória de Belo Horizonte (2010-2012)	A exposição abordava a relação de Belo Horizonte com os seus bares ao destacá-los enquanto espaços que preservam múltiplas identidades, hábitos de consumo, sociabilidades e que se configuram como locais de fruição cultural e de memória.	1 ano e 7 meses	8.631	455
Belo Horizonte F.C.: trajetórias do futebol na capital mineira (2012-2014)	A exposição apresentava o futebol enquanto um componente temático que interage com o território urbano e infunde memórias.	1 ano e 11 meses	7.357	320

Fonte: Arquivo do MhAB

Gráfico 2. Média mensal de visitantes no MhAB por exposição



Fonte: O Autor, 2017.

- 35 Dois pontos merecem ser ponderados com esses números. O primeiro evidencia que as exposições que tiveram maior visitação mensal são aquelas sobre os sessenta anos do museu e sobre monumentos. As exposições que tiveram menor visitação mensal são aquelas sobre futebol, acervo e bares. Uma hipótese é a de que os temas mais gerais e ligados à história da cidade, e do próprio museu, geram maior interesse em detrimento de temas focados em aspectos específicos. Em outras palavras, esses dados podem indicar certo desinteresse por temas mais contemporâneos. Já em relação ao segundo ponto, os dados demonstram que a média mensal do MhAB vem caindo ao longo dos anos, registrando a maior visitação mensal na exposição mais distante temporalmente e a menor visitação mensal exatamente na exposição de exibição mais recente. As hipóteses

para a queda da visitação no MhAB podem estar relacionadas com a abertura de outros museus na cidade, com a segmentação do público ou com a possível diminuição dos eventos no museu. Mais investigações seriam aconselháveis para elucidar melhor essas hipóteses.

- 36 As pesquisas estatísticas de perfil dos visitantes do MhAB foram realizadas separadamente por exposição. Os quadros preenchidos, acondicionados em pastas, são diários e cada lauda é referente a um mês. Os dados se referem a três características de perfil: procedência, profissão e faixa etária. Como mencionado anteriormente, optou-se por apresentar os dados da última exposição que foi contemplada pela pesquisa de perfil.
- 37 Ver e lembrar: monumentos em Belo Horizonte (2006-2007)

Quadro 3. Procedência

Procedência	Número	%
Belo Horizonte	4.499	69,01%
Outras cidades de Minas Gerais	814	12,49%
Outros Estados	756	11,60%
Outros países	251	3,85%
Não mencionou	200	3,07%
Total	6.520	100%

Fonte: Elaboração do autor a partir do arquivo do MhAB

Quadro 4. Profissão

Profissão	Número	%
Estudantes	2.484	38,16%
Profissionais liberais	1.895	29,11%
Funcionários públicos	195	3%
Outros profissionais	1.400	21,51%
Não mencionou	536	8,24%
Total	6.510	100%

Fonte: Elaboração do autor a partir do arquivo do MhAB

Quadro 5. Faixa etária

Faixa etária	Número	%
Até 15 anos	1.177	18,08%
16 a 25 anos	1.287	19,77%
26 a 36 anos	1.197	18,38%
37 a 46 anos	884	13,58%
47 a 56 anos	544	8,36%
Maiores de 57 anos	495	7,61%
Não mencionou	929	14,27%
Total	6.513	100%

Fonte: Elaboração do autor partir do arquivo do MhAB

- 38 Os dados referentes ao perfil dos visitantes do MhAB, na década de 2000, mostram que a maioria é moradora de Belo Horizonte, predominantemente estudante e jovem entre 16 e 25 anos. É importante considerar que esses números se referem apenas à visitação espontânea. Assim, visitas escolares, que tenderiam baixar a idade, não entram nesses números. Isso demonstra que, mesmo entre o público espontâneo, o perfil dos visitantes do MhAB é, de fato, jovem.
- 39 Como mencionado anteriormente, além dos dados estatísticos oficiais do museu, cinquenta visitantes do MhAB responderam a um questionário autoaplicado para o desenvolvimento da minha pesquisa de doutorado. Os dados referentes aos questionários não têm a pretensão de ser uma amostra representativa dos frequentadores do museu. Eles são importantes apenas na medida em que traçam um perfil daqueles que responderam ao questionário. Todavia, apesar de não serem representativos estatisticamente, esses dados, como se verá, não diferem, em grande medida, dos que foram produzidos pelo museu.
- 40 Nas linhas a seguir trato de descrever o perfil dos visitantes do MhAB, que responderam ao questionário, e de como esse grupo de sujeitos, ao qual foi possível acessar, pensa e se relaciona com o museu. Dentre os cinquenta respondentes, vinte eram do sexo masculino e trinta do sexo feminino. Com relação à faixa etária, temos o seguinte quadro:

Quadro 6. Faixa etária dos respondentes

Faixa etária	Número	%
De 15 a 19 anos	5	10
De 20 a 29 anos	13	26

De 30 a 44 anos	19	38
De 45 a 59 anos	5	10
De 60 a 74 anos	6	12
Mais de 75 anos	0	0
Não respondeu	2	4
Total	50	100

Fonte: Pesquisa realizada no MhAB em 2015

- 41 Como se pode observar, a maior parte dos visitantes do MhAB, que respondeu ao questionário, era constituída por jovens adultos de 30 a 44 anos (38%) e de jovens de 20 a 29 anos (26%). Esses dados de alguma maneira se aproximam das informações estatísticas do museu: o MhAB apresenta um público predominantemente jovem. Com relação à escolaridade dos respondentes, observa-se:

Quadro 7. Nível educacional dos respondentes

Nível educacional	Número	%
Ensino Fundamental	2	4
Ensino Médio	9	18
Ensino Superior	22	44
Pós-graduação	10	20
Mestrado	4	8
Doutorado	3	6
Total	50	100

Fonte: Pesquisa realizada no MhAB em 2015

- 42 A maioria dos respondentes (trinta e nove ou 78%) apresenta alta escolaridade (Ensino Superior ou mais). No que se refere à origem dos respondentes, os quadros a seguir também estão em consonância com os dados estatísticos oficiais do museu.

Quadro 8. Origem dos respondentes

Origem	Número	%
Belo Horizonte	31	62

Minas Gerais	4	8
Brasil	13	26
Exterior	2	4
Total	50	100

Fonte: Pesquisa realizada no MhAB em 2015

Quadro 9. Estado de origem dos respondentes

Estado de origem	Número	%
Rio de Janeiro	3	23,08
São Paulo	3	23,08
Espírito Santo	2	15,39
Paraná	2	15,39
Rio Grande do Sul	2	15,39
Santa Catarina	1	7,70
Total	13	100

Fonte: Pesquisa realizada no MhAB em 2015

- 43 Entre os estrangeiros, um respondente era do Chile e o outro da Espanha. Como nas estatísticas oficiais do museu, os belo-horizontinos continuam sendo os principais visitantes do MhAB (62%). Com os questionários, verificou-se uma presença maior de visitantes oriundos de outros Estados do país (26%) do que do interior de Minas Gerais (8%).
- 44 O quadro abaixo apresenta, na opinião dos respondentes, qual é a função dos museus.

Quadro 10. Função dos museus

Função dos museus	Citações
Preservar, apresentar e educar sobre a história	42
Preservar e apresentar cultura e arte	18
Educação	16
Entretenimento/diversão	5
Promover a participação comunitária e a identidade local	3

Fonte: Pesquisa realizada no MhAB em 2015

- 45 Para os visitantes do MhAB que responderam ao questionário, a principal função de um museu é preservar, apresentar e educar sobre história. Foram incluídos termos tais como: para preservar a história (seis citações), para apresentar a história (treze citações), para educar sobre a história (nove citações) e para aprender como o passado influencia o presente/futuro (cinco citações).
- 46 Apesar da pergunta se referir aos museus em geral, é muito provável que o fato dos respondentes estarem em um museu que tem em seu nome a palavra “histórico”, e cujo foco é a história da cidade, tenham influenciado na resposta, e na forte presença da palavra “história” em suas respostas. Como se pode observar, a maior parte das respostas está relacionada com a “história”. Segue uma justificativa que exemplifica a demanda dos respondentes pelo acervo histórico do museu. “Gostaria de sugerir que a forma contemporânea de museu não suprimisse a forma ou principalmente o acervo antigo. Melhor, termos mais um museu e não apenas o museu de forma diferente” (Advogada, 31 anos).
- 47 “Para preservar e apresentar cultura e arte” também foi mencionado. Foram incluídos termos tais como: para preservar cultura (oito citações), para apresentar cultura (quatro citações) e dar acesso a obras de arte (quatro citações). A função dos museus de educar, por si só, também é mencionada, no entanto, com menos ênfase do que aquela que se relaciona, especialmente, com a história. Foram incluídos termos tais como: conhecimento (seis citações), educação / ensinar (seis citações), informação (duas citações) e conhecimento sobre a cidade (uma citação). O entretenimento e a diversão, apesar de também terem sido aludidos, aparecem com pouca força.
- 48 Como mencionado anteriormente, a exposição “O museu e a cidade sem fim” celebra os setenta anos do museu e tem como foco os espaços públicos de Belo Horizonte. Através da pesquisa de campo, foi possível observar certa dissonância entre as últimas exposições do MhAB, primordialmente focadas nas questões contemporâneas da cidade, e, ao mesmo tempo, uma demanda por referências históricas, requerida pelos visitantes do museu, em função da sua ausência.
- 49 É possível dizer que a percepção do museu, enquanto o lugar da história, talvez explique o desejo nostálgico dos visitantes do MhAB por uma configuração de museu mais voltada para a história e para objetos históricos nas exposições. Quiçá venha daí também a

dificuldade dos visitantes de conceber o MhAB como um museu de cidade e não como um museu histórico. Carregar o “histórico” em seu nome pode ter um peso significativo nisso.

- 50 Com o advento da Nova Museologia, surgiu uma crítica à primazia dos objetos, que refletiam a falta de representação na maioria das coleções de museus. Mas, ao mesmo tempo, houve também o crescimento da compreensão curatorial da importância de outras fontes de evidência, que buscavam refletir vozes anteriormente silenciadas. Daí o surgimento de outras abordagens, que não apenas através de objetos históricos, mas também de elementos contemporâneos. O MhAB apresenta essa abordagem presentista que, como vimos, nem sempre é compreendida pelos visitantes. Black (2012) aponta essa abertura, dos museus contemporâneos, que busca diversificar a representação de memórias e experiências por meio de novos materiais e novas técnicas.

Assim, paralelamente ao desenvolvimento de novas coleções de objetos da história social e industrial, veio uma extensão do museu para incluir arquivos, fotografias, filmes e, particularmente, histórias orais, representando tanto as memórias individuais quanto as memórias coletivas que eram uma conexão direta entre um passado vivido e o presente. Através deste material, uma nova janela foi aberta sobre as experiências de vida e as contribuições de homens e mulheres da classe trabalhadora (BLACK 2012:213.)¹¹.

- 51 Nesse sentido, a previsão de que, em um futuro próximo, o público começaria a exigir dos museus uma função que tivesse mais a ver com a interpretação do que com os objetos, como apresentada por Burton (2007), pode ser relativizada. Para Burton (2007), “informação, ao invés de objetos, pode se tornar a principal mercadoria dos museus no futuro” (BURTON et al 2007:51)¹². Como observado, a previsão de Burton (2007) não se cumpriu no museu estudado.

Considerações finais

- 52 Como apresentado anteriormente, a média mensal de visitação por exposição no MhAB vem caindo nos últimos anos. Minhas hipóteses para explicar essa queda na visitação se referem à abertura de outros museus na cidade, à segmentação do público, à diminuição dos eventos no museu e, por fim, a um possível desinteresse dos visitantes por temas mais contemporâneos.
- 53 A última hipótese é corroborada pela presente pesquisa quando aparece na entrevista, na observação de campo e nos questionários, o desejo nostálgico, por parte do público do MhAB, por história e por objetos históricos nas exposições. Os visitantes do MhAB, citados na entrevista, observados por mim e que responderam ao questionário, percebem o museu enquanto lugar da história.
- 54 Pelos dados e informações da pesquisa, pude observar que os visitantes contemplados na presente pesquisa pareciam procurar a história e os objetos que remetessem ao passado. Como mencionado anteriormente, o público observado e pesquisado no MhAB percebe o museu como o lugar da história. Por isso, a sua hesitação em absorver exposições que se abstem exclusivamente de objetos antigos para falar da cidade atual.
- 55 Ao que tudo indica, isso está além de uma memória afetiva, podendo estar relacionado com a própria concepção que o público tem sobre o museu e que se reafirma pelo “histórico” presente no nome da instituição. Em outros termos, com o presente trabalho, observei uma representação de museu ligada à história. Essa concepção se faz presente no imaginário dos visitantes que observei e analisei.

- 56 O MhAB recebeu seu nome atual em 1967 como uma maneira de homenagear o seu fundador. E apesar do registro da recorrente mudança de nome de outros museus de cidade pelo mundo (mudança essa demarcada, em especial, pela retirada da designação “histórico” de seus nomes), e a despeito da guinada de enfoque das suas construções narrativas, o nome do museu de Belo Horizonte permanece o mesmo.
- 57 A abrangência temática, observada no museu, por meio do regime presentista, se faz vigente, na tentativa de contemplar o maior número de grupos e segmentos sociais possível. Ao mesmo tempo, por meio da presente pesquisa, verifiquei que quanto mais específico é o tema, maior a probabilidade de encontrar visitantes que não se identificam com ele.
- 58 Em outros termos, constatei que quanto mais específico é o tema de uma exposição, mais segmentado é o seu público. Quanto mais específico ou contemporâneo o tema da exposição, maior a probabilidade de não identificação com ela. Talvez esse seja um dos atuais dilemas dos museus contemporâneos: lidar com as identidades segmentadas.
- 59 O limite da capacidade do MhAB em sustentar diante de seu público um ponto de vista presentista se dá exatamente na sua tentativa, ainda em processo, de fazer com que o público expanda seu horizonte conceitual no que diz respeito aos novos processos de patrimonialização da contemporaneidade. Ao mesmo tempo, é possível dizer que a orientação presentista pode vir a modificar a concepção de história tradicional que o público possui do museu ao colocá-lo como um agente histórico que compõe o mosaico de constituição da cidade contemporânea.
- 60 Talvez a diversidade de representação, por meio de eventos da contemporaneidade, possa contribuir para que o público se sinta representado pelas exposições. Ver fotos de lugares, eventos recentes ou de grupos específicos da cidade no museu pode não apenas reafirmar o sentimento de pertencimento a ela, como pode fazer com que o público se sinta igualmente protagonista na construção de sua história.
- 61 E é precisamente aí que se encontra a contribuição que o MhAB pode dar ao debate sobre o presentismo. Ao exemplificar o descompasso entre a instituição e seu público, em torno da categoria “história”, o caso estudado pode servir de base preliminar para que seja possível repensar as estratégias museais contemporâneas. Ao tentar aproximar, por meio do diálogo e da participação, a instituição do público, talvez seja possível criar alternativas de ampliação das possibilidades de apropriação por parte dele.

BIBLIOGRAFIA

BITTENCOURT, José Neves. 2004. “O sítio da Fazenda Velha do Leitão, seus diversos prédios e seus museus, 1943-2000”. In: PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo (org.), **Reinventando o MHAB: o museu e seu novo lugar na cidade (1993-2003)**. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, pp. 35-56.

BLACK, Graham. 2012. “From engaging communities to civil engagement”. In: BLACK, Graham (org.), **Transforming Museums in the Twenty-first Century**. London: Routledge. pp. 203-225.

BURTON, Christine; SCOTT, Carol. 2007. "Museums: Challenges for the 21st Century". In: SANDELL, Richard; JANES, Robert R (org.), **Museum Management and Marketing**. New York: Routledge. pp. 49-65.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. 2007. A cidade refletida em seus museus. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro.

HARTOG, François. 2013. Regimes de Historicidade. **Presentismo e Experiências do Tempo**. Belo Horizonte: Autêntica.

Museu Histórico Abílio Barreto – MhAB. s/d. **Plano Metodológico do MhAB**. Belo Horizonte: MhAB.

PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo; THIAGO, Carlos Costa. 2008. Monografias tridimensionais: exposições de média e curta duração do Museu Histórico Abílio Barreto. **Caderno de Diretrizes Museológicas 2. Mediação em Museus: curadorias, exposições e ação educativa**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. Superintendência de Museus.

TISDALE, Rainey. 2013. "City Museums and Urban Learning". **Journal of Museum Education**, v. 38, n. 1: p. 3-8.

NOTAS

1. Tese defendida no dia 12 de maio de 2017 (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais com período sanduíche na Universidade de Amsterdã).
2. Instituto de Arte Contemporânea e Jardim Botânico localizado no município de Brumadinho, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).
3. Complexo cultural, localizado na Praça da Liberdade, que engloba quatorze instituições culturais.
4. Escritor, poeta, jornalista, historiador e conhecido homem público, Abílio Velho Barreto nasceu em Diamantina, Minas Gerais, no dia 22 de outubro de 1883. Mudou-se para Belo Horizonte em 1895 e três anos depois foi admitido na Imprensa Oficial, onde fez carreira como tipógrafo, revisor e redator interino. Em 1924, foi promovido a Primeiro Oficial do Arquivo Público Mineiro, cargo em que se aposentou dez anos depois. Em 1935, passou a dirigir o Arquivo Municipal. Posteriormente, ainda nessa função, organizou, inaugurou e foi o primeiro diretor do Museu Histórico de Belo Horizonte. Faleceu na capital mineira no dia 17 de julho de 1959. (FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA, 2017).
5. Povoado praticamente todo destruído para a construção de Belo Horizonte no final do século XIX.
6. Ao longo de sua história o IPHAN foi realocado e com isso também foi tendo sua nomeação transformada de acordo com os espaços que lhe eram autorizados pela administração do poder executivo. Ao longo do texto optou-se, para fins de simplificação, por manter a grafia IPHAN, de modo que o leitor considere que o espaço de tempo até o ano de 1970, quando a autarquia passa a chamar-se oficialmente de Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, era reconhecido pelas siglas de SPHAN (1936-1946) ou DPHAN (1946-1970).
7. More than one author reports dropping history or historical from the city museum's name.
8. Em nenhum momento foi intenção da equipe do museu realizar uma exposição tão longa. Isso se deu em função de contingências financeiras.
9. Movimento artístico da cultura hip hop que promove batalhas musicais embaixo do Viaduto de Santa Tereza em Belo Horizonte.

10. Visitação espontânea é aquela em que o visitante se dirige ao museu de maneira autônoma, sem nenhuma intermediação institucional, como por exemplo: escolas, agências de turismo etc.

11. Thus, alongside the development of new social and industrial history object collections came an extension of the museum remit to include archives, photographs, film and, particularly, oral histories, representing both individual and community memories that were a direct connection between a lived past and the present. Through this material, a new window was opened into the life experiences and contributions of working men and women.

12. Information, rather than objects, may be the primary commodity of museums in the future.

RESUMOS

A exposição “O museu e a cidade sem fim” celebra os setenta anos do Museu histórico Abílio Barreto e tem como foco os espaços públicos de Belo Horizonte. Mediante a pesquisa, que resultou no desenvolvimento do presente artigo, foi possível observar certa dissonância entre a exposição, primordialmente focada nas questões contemporâneas da cidade, e uma demanda por referências históricas, requerida pelos visitantes do museu. Para empreender a análise, fez-se o uso do conceito de presentismo (Hartog, 2013) que diz respeito a um deslocamento da representação do tempo no qual o “presente” é sobrevalorizado em detrimento do “passado”. O objetivo é, portanto, analisar, por meio do conceito de presentismo, se e como o deslocamento da representação do tempo, orientado para o presente, vigente na exposição mencionada, se relaciona com a demanda de história por parte dos visitantes do museu.

The exhibition “O museu e a cidade sem fim” celebrates the Abílio Barreto Historical Museum’s seventieth anniversary and focuses on the public spaces of Belo Horizonte. Through the research, which resulted in the development of this article, it was possible to observe a certain dissonance between the exhibition, primarily focused on the contemporary issues of the city, and a demand for historical references, required by museum visitors. In order to undertake this analysis, the concept of presentism was used (Hartog, 2013), which refers to a displacement of the representation of time in which the “present” is overvalued to the detriment of the “past”. The objective is, therefore, to analyze, through the concept of presentism, whether and how the displacement of the present-oriented representation of time, in force with the aforementioned exhibition, is related to the demand of history by the museum visitors.

ÍNDICE

Keywords: city museums, presentism, exhibitions, public space representations, visitor studies

Palavras-chave: museus de cidade, presenteísmo, exposições, representações do espaço público, estudos de visitantes

AUTOR

LEONARDO GONÇALVES FERREIRA

Doutor em Ciências Sociais – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – Instituto de Ciências Sociais – PUC Minas – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Campus Coração Eucarístico – Av. Itaú, 505, 3º andar, bairro Dom Cabral, CEP: 30535-012, Belo Horizonte, Minas Gerais – Brasil.

E-mail: lgferreira81@yahoo.com.br